

## ESPORTES E DIVERSIDADE: VOLEIBOL LGBT NO RIO GRANDE DO SUL

### SPORTS AND DIVERSITY: LGBT VOLLEYBALL IN RIO GRANDE DO SUL

### DEPORTE Y DIVERSIDAD: VOLEIBOL LGBT EM RIO GRANDE DO SUL

**Gustavo de Oliveira Duarte**

<https://orcid.org/0000-0003-0358-4171> 

<http://lattes.cnpq.br/9338849630797880> 

Universidade Federal de Santa Maria (Santa Maria, RS - Brasil)

guto.esef@gmail.com

**Lorenzo Iop Laporta**

<https://orcid.org/0000-0002-8042-6487> 

<http://lattes.cnpq.br/3334916447488378> 

Universidade Federal de Santa Maria (Santa Maria, RS – Brasil)

laporta.lorenzo@ufsm.br

**Marlon Crestani Garcia**

<https://orcid.org/0000-0003-1493-7083> 

<http://lattes.cnpq.br/4615927618200223> 

Universidade Federal de Santa Maria (Santa Maria, RS – Brasil)

marloncrestanig@gmail.com

#### Resumo

Este texto busca refletir acerca da criação de equipes de voleibol LGBT no Rio Grande do Sul e seus desdobramentos dentro e fora de quadra, além de caracterizar e problematizar seu contexto a partir dos jogos, tensionando seus limites e possibilidades sociais e esportivas. O percurso metodológico compreendeu a inserção nos cenários dos jogos e entrevista ao coordenador da Superliga de Vôlei LGBT do Rio Grande do Sul e a atletas de equipes. Apesar das dificuldades enfrentadas, compreendemos o ineditismo das articulações entre gênero e sexualidade no voleibol, sua relevância e crescimento no âmbito esportivo, educacional e social, dentro e fora das quadras.

**Palavras-chave:** Voleibol; Esportes; Diversidade; Inclusão.

#### Abstract

This text aims to reflect on the creation of LGBT volleyball teams in Rio Grande do Sul and their implications both on and off the court, while also characterizing and problematizing their context through games, thus challenging their social and sporting boundaries and possibilities. The methodological approach involved immersion in game settings and interviews with the coordinator of the LGBT Volleyball Super League of Rio Grande do Sul and team athletes. Despite the challenges faced, we acknowledge the novelty of the connections between gender and sexuality in volleyball, their relevance, and growth in the sporting, educational, and social spheres, both on and off the courts.

**Keywords:** Volleyball; Sports; Diversity; Inclusion.

#### Resumen

Este texto busca reflexionar sobre la creación de equipos de voleibol LGBT en Rio Grande do Sul y sus repercusiones dentro y fuera de la cancha, además de caracterizar y problematizar su contexto a partir de los juegos, tensionando sus límites y posibilidades sociales y deportivas. El recorrido metodológico incluyó la inmersión en los escenarios de los juegos y entrevistas al coordinador de la Superliga de Voleibol LGBT de Rio Grande do Sul y a atletas de equipos. A pesar de las dificultades enfrentadas, entendemos la novedad de las articulaciones entre género y sexualidad en el voleibol, su relevancia y crecimiento en el ámbito deportivo, educativo y social, dentro y fuera de las canchas.

**Palabras clave:** Voleibol; Deporte; Diversidad; Inclusión.



## INTRODUÇÃO

Ao considerarmos os estudos da própria História da Educação Física e dos Esportes percebemos vários movimentos de adaptações, inovações e mudanças no decorrer do tempo. Diferentes concepções de ser humano, de movimento e de sociedade, sempre acompanharam as transformações da área dentro ou fora da Escola. Podemos compreender que as áreas da Saúde e da Educação no que dizem respeito ao próprio corpo e, conseqüentemente, às formas de ser e estar no mundo, suas subjetividades, configuram-se verdadeiros territórios de disputa. Marcas do corpo dialogam com marcas de poder, conforme nos ensina Guacira Louro, ao referir-se às diferentes pedagogias do Corpo, do Gênero e da Sexualidade (Louro, 1999; 2000; 2004).

Entre as fronteiras dos âmbitos cooperativo ou competitivo, negociam-se regras e condutas, novas formas de jogar são inauguradas, construídas, adaptadas. São produzidas socialmente, seja pelas crianças ao brincar na informalidade ou na educação básica, seja pelos atletas a partir sistematização de regras e códigos de conduta das confederações esportivas. Skate, *slackline*, *beach* tênis, esportes de aventura, novas modalidades de dança, são alguns exemplos da cena contemporânea.

Os discursos sobre diversidade e inclusão nas áreas da Educação e da Educação Física têm ganhado força dentro e fora dos currículos dos cursos de formação inicial. Problematizando o corpo sob uma visão ampliada que contemple suas contingências, a partir de uma visão sociocultural, marcadores identitários como acessibilidade, gênero, sexualidade, raça/etnia e geração têm ganhado maior visibilidade de modo a ampliar o diálogo entre diferentes espaços educativos e a sociedade como um todo. A diversidade nos currículos e na formação de professores pode se tornar um importante recurso pedagógico, no sentido de gerar igualdade de oportunidades de aprendizado e no reconhecimento da própria diferença, característica desta constitutiva da sociedade brasileira (Junqueira, 2013). Nesta perspectiva, a diversidade ensina, na convivência e, a partir da diferença, outros modos de ser e de estar no mundo: formas de viver e de resistir.

Neste sentido, cada vez mais na sociedade brasileira a luta dos movimentos sociais por Direitos Humanos ganha força e visibilidade, dentro e fora das quadras, dentro e fora das Universidades. Estrelas do mundo do Esporte estão a se posicionar por causas sociais e acabam por incentivar multidões a mudanças de hábitos, virando referências. Denúncias de racismo e





homofobia são uma constante em programas televisivos, manchetes de jornais e de redes sociais.

**Figura 1** – Bandeira LGBT em partida de futebol



**Fonte:** <https://www.espn.com.br>

Este texto busca problematizar e refletir sobre a diversidade nos esportes, sobretudo no voleibol, na cena contemporânea, em especial no contexto do estado do Rio Grande do Sul, mais especificamente na região metropolitana e centro do estado, nas cidades de Porto Alegre, Canoas e Santa Maria. A temática da discussão centra-se nas relações de gênero e sexualidade no voleibol: a formação de equipes autodenominadas LGBTQIAPN+ (atual sigla representativa da população chamada de minorias sexuais e identitárias: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgênero, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Não binário e o símbolo + deixa em aberto a outras nomenclaturas possíveis) e seus movimentos: novos arranjos, conquistas, desafios e desdobramentos. Neste texto iremos usar a sigla LGBT. Cabe destacar, que abordamos a temática a partir da perspectiva dos Estudos Culturais, os quais se interessam em analisar os acontecimentos e práticas sociais pelo viés de processos e de produção cultural.

Os Estudos Culturais surgem da potência e da representatividade de grupos sociais que buscam se apropriar de ferramentas conceituais, as quais contemplem suas visões de mundo e que estejam de acordo com uma sociedade democrática, onde o significado do conceito de cultura dá ênfase a atividades e significados antes excluídos ou invisibilizados social e historicamente (Costa, 2000). Neste sentido, destacamos a importância de analisar o conjunto da produção cultural de uma sociedade, seus diferentes textos e práticas de modo a compreender comportamentos e posturas de homens e mulheres que nela vivem e seus





desdobramentos a partir da articulação entre cultura, e do jogo entre saberes e poderes. A ênfase e centralidade da cultura foi chamada de “virada cultural”, onde artefatos como um livro, um filme ou um grupo de rock não são apenas manifestações culturais, configuram-se como produtores de saberes e práticas de representação, inventam sentidos que operam em camadas sociais cujo significados são negociados, moldados e construídos hierarquicamente.

Para Hall (1997, p. 20),

[...] a cultura é agora um dos elementos mais dinâmicos - e mais imprevisíveis - da mudança histórica do novo milênio. Não devemos nos surpreender, então, que as lutas pelo poder deixem de ter uma forma simplesmente física e compulsiva para serem cada vez mais simbólicas e discursivas, e que o poder em si assuma, progressivamente, a forma de uma política cultural.

Nesta perspectiva, o olhar dos Estudos Culturais busca problematizar as relações existentes entre cultura, significação, identidade e poder, questões centrais no estudo da sexualidade (Silva, 1999).

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como percurso metodológico utilizamos registros e notas de campo, a partir de observações dos jogos, organizadas em um diário, em três momentos: uma das etapas da Liga de Vôlei LGBT, na cidade de Canoas, no ano de 2022, e nas duas edições do Festival Internacional de Vôlei LGBT, nos anos de 2022 e 2023, primeira e segunda edições, respectivamente, realizados em Santa Maria. Tais eventos se configuram como pioneiros e representativos no cenário gaúcho pela organização, participação de equipes de vôlei LGBT e, sobretudo, pelo apoio das prefeituras das respectivas cidades. A Liga de Vôlei é organizada pela própria Prefeitura da cidade de Canoas com o auxílio do coordenador do evento, também atleta da equipe local, o qual foi entrevistado. O Festival de Vôlei de Santa Maria é organizado por um professor de vôlei da cidade e já entrou para o calendário oficial da cidade, conta com o apoio da Prefeitura e da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). A maioria das equipes participam dos dois eventos. Na sequência do texto abordaremos o histórico dos dois eventos e os relatos do coordenador da Liga de Vôlei do RS.

A abordagem qualitativa se ocupa de fenômenos históricos e sociais, os quais não podem ser quantificados ou reduzidos, tão pouco generalizados. A observação contextual e uma exploração e imersão no/do campo são partes fundamentais da abordagem desta pesquisa (Minayo, 2012). O mundo de sentidos e significados dos fenômenos investigados é a





centralidade de tal abordagem, onde a visibilidade e a posterior interpretação são partes do processo investigativo.

Durante esses momentos foi possível participar e interagir com os demais atletas quanto com o público presente, em sua grande maioria composto pela população LGBT. Além disso realizamos uma entrevista com o idealizador da Liga de Vôlei do RS, também coordenador e atleta de uma das equipes.

O convidamos por ser um dos atletas mais experientes das equipes, acima dos quarenta anos de idade, e por ser um pioneiro da ideia de uma competição específica de Vôlei LGBT no RS. É militante da causa gay e advogado. Segue desde o início como coordenador da Liga e é um articulador e liderança entre as demais equipes. Além do coordenador entrevistamos cinco atletas, da segunda edição do Festival de Vôlei, que aceitaram responder às questões, abertas, que tematizou sobre a epistemologia do armário (Sedgwick, 2007) e a questão do assumir-se, a sociabilidade LGBT e a convivência a partir dos jogos.

Todos os cinco atletas, homens autodeclarados gays, participaram das duas edições do Festival de Vôlei de Santa Maria e três deles já participam da Superliga de Vôlei de Canoas. A faixa etária situa-se entre os vinte aos trinta anos de idade. Convidamos os demais atletas das onze equipes participantes do Festival, porém a grande maioria recusou participar, sobretudo os mais velhos. Alguns relataram, informalmente, receio de suas famílias e de seus locais de trabalho, mesmo com a explicação que seus nomes não seriam revelados. Durante o Festival de Vôlei, percebemos que alguns atletas evitavam dar entrevistas a repórteres e também se esquivavam de serem fotografados.

A análise foi embasada a partir da técnica de análise de conteúdo (Bardin, 1994), um método que busca a compreensão do significado daquilo que os envolvidos na pesquisa externam no discurso. O método consiste em um conjunto de técnicas de análise que, visam, por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, obter indicadores que permitam a inferência de conhecimentos sobre o conteúdo manifesto da comunicação. A presença ou a ausência de uma dada característica de conteúdo ou de um conjunto de características é um indicativo para a análise. Tais informações foram organizadas em categorias de análise.





## VOLEIBOL NA CONTEMPORANEIDADE

O voleibol ascendeu como um dos principais esportes praticados no Brasil e no mundo, e, paralelamente a isso, começou-se a ser tratado como um produto que deveria “caber na grade televisiva”, onde, a espetacularização, midiaticização, o comércio, a tecnologia, entre outros aspectos, elevaram-se a ponto de interferir e alterar os regulamentos oficiais deste fenômeno esportivo (Garcia; Meireles; Pereira, 2021; Mezzaroba; Pires, 2011). O novo conjunto de regras e a presença do sistema midiático, influenciou direta e indiretamente para massificar, gerar audiência e lucros em diversas esferas sociais, obrigando o processo evolutivo do esporte, mas também o nível técnico e as questões de mercado e empresa das equipes (Diniz; Cesar, 2000). Entretanto, desde a sua criação, apesar do voleibol ser criado para agradar as pessoas com mais idade, ele foi ligado às características femininas (esporte não violento, leve, sem contato) (Coelho, 2009) e com o processo de tornar o esporte massificado através da espetacularização e midiaticização supracitada, não se preocupou com aspectos de identidade dos atletas, excluindo atletas que divergem das características que defendem a masculinidade hegemônica (Coelho, 2009; Egner; Maloney, 2016). Pelo contrário, os atletas, por medo de perderem seus contratos e aceitação social são levados a manterem suas identidades em silêncio (Egner; Maloney, 2016).

A atleta da Superliga Feminina de Vôlei do Brasil, Tiffany, mulher transexual, foi a primeira, e única, atualmente, atleta trans a integrar profissionalmente uma equipe de Voleibol. Aos trinta e sete anos, atua na posição de oposta e ponteira no Osasco Voleibol Clube, de São Paulo/SP, onde se destacou como a maior pontuadora da Superliga 2021/2022 com 225 pontos. Engana-se quem pensa que a questão está superada. Embora muitos/as atletas e treinadores, homens, ainda reclamam sua presença, Tiffany segue fazendo história no voleibol brasileiro a servir como referência e representatividade da questão LGBT no esporte. Sua equipe venceu o campeonato paulista de voleibol de 2023.





**Figura 2** – Tiffany com o troféu de maior pontuadora da Superliga de Vôlei Feminino em 2023



**Fonte:** girosa.com.br

A crescente visibilidade de atletas transexuais em competições oficiais destaca o ambiente conservador de competições esportivas, a partir da prevalência da compreensão de superioridade biológica dos corpos masculinos sobre os femininos e a concorrência inadequada de sujeitos transexuais com sujeitos cisgêneros, sobretudo nos esportes femininos (Machado, 2019). Quando a identidade de gênero corresponde com o sexo biológico os sujeitos são considerados cisgêneros, tanto para homens quanto para mulheres. Quando não há essa correspondência os sujeitos são nomeados de transgêneros, expressão mais abrangente que abarca diferentes pertencimentos identitários como transexuais, travestis, *crossdresses*, *drag queens* e *drag kings* (Machado, 2019). Este recente debate sobre a presença de transexuais nos esportes traz à tona o próprio movimento e debate da sociedade sobre até onde, de fato, o discurso da diversidade constitui uma prática ou ainda, uma proibição.

O movimento de entrada de jogadores transexuais em competições esportivas oficiais força o debate sobre um assunto do qual tem-se esquivado já há algum tempo: a posição desses indivíduos na sociedade. Vistos por vezes como seres abjetos, eles são colocados à margem da comunidade e convivem com um preconceito diário que afeta suas vidas tanto de forma psicológica, quanto através da violência física (Machado, 2019, p. 56).

A decisão do Comitê Olímpico Internacional (COI), desde 2003, ao garantir a participação de transexuais nas competições, é um avanço significativo. Entretanto, uma maior abertura e compreensão das regras constitui um processo lento: inicialmente, além da terapia de reposição hormonal era preciso a comprovação da cirurgia de reconstrução genital. Posteriormente a exigência da cirurgia foi retirada, permanecendo, apenas, a comprovação dos níveis de hormônio condizentes com a categoria almejada, além da alteração do nome em documentos oficiais. A partir da influência e do diálogo com a Organização das Nações Unidas





(ONU) e de sua campanha para a Liberdade, Igualdade e Respeito aos Direitos LGBT, o próprio Comitê foi atualizando seus princípios de sua Carta Olímpica, conforme a figura 3.

**Figura 3** – Evolução da Carta Olímpica: princípios relacionados à diversidade de gênero



**Fonte:** Machado (2019).

Cabe destacar que a aplicação dessas regras é obrigatória apenas no contexto dos Jogos Olímpicos, mas servem como parâmetro para as federações das modalidades esportivas que, ao organizarem suas competições, podem ou não utilizar a cartilha do COI.

## CORPOS, GÊNERO E SEXUALIDADES

O conceito de gênero data do final dos anos da década de 1960 quando as feministas anglosaxãs usaram o termo para caracterizar o discurso social e cultural a respeito das diferenças entre os sexos, contrapondo-se ao determinismo biológico vigente. Concordamos com Goellner (2008, p. 28) quando destaca que,

Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos... enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas. Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem, mas, fundamentalmente, os significados culturais e sociais que a ele se atribuem.

Compreendemos o corpo um artefato cultural, isto é, no sentido de produto, àquilo que é construído socialmente e é atravessado por diferentes processos históricos. Assim, gênero relaciona-se ao mundo simbólico que permeia o sujeito, estruturando-o em nível



psíquico e social. Já sexo caracteriza o corpo biológico, marcado pelas diferenças anatômicas. Gênero refere-se ao discurso social produzido a respeito do corpo, ao modo como as características sexuais são compreendidas e representadas em nível simbólico, cultural e social. Distingue-se então a identidade sexual da identidade de gênero dos sujeitos que são entendidas como:

Suas identidades sexuais se constituem, pois, através das formas como vivem sua sexualidade, com parceiros/as do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou sem parceiros. Por outro lado, os sujeitos também se identificam, social e historicamente, como masculinos e como femininos e assim constroem suas identidades de gênero (Louro, 2004, p. 26).

Ao longo dos anos, os Estudos de Gênero perpassaram diferentes áreas do conhecimento e se consolidam como uma área do saber transversal às demais. Gênero é, portanto, relacional, um organizador do âmbito social e uma forma de dar significado às relações de poder (Scott, 1995). Gênero e sexualidade cada vez mais se colocam em pauta em relação ao corpo no Esporte, na Educação e na Saúde. As diferentes formas de viver prazeres e desejos contribuíram para os chamados processos de afirmação e diferenciação, conforme Hall (1997) denominado de políticas de identidade. A compreensão da sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções, ou seja, está envolvida em processos culturais e plurais (Louro, 1999).

Assim, pensar na sexualidade e outras diferenças, como culturais e políticas, como parte da própria vida cotidiana, de maneira relacional, contemplar os sujeitos na sua totalidade, e não como uma estatística, uma doença ou ameaça são um caminho para superar os estereótipos e preconceitos de Gênero e a homofobia nos Esportes (Miskolci, 2016).

Em relação à trajetória do movimento homossexual brasileiro destacamos a análise realizada por Julio Simões e Regina Facchini a partir do final dos anos de 1970 com o surgimento de grupos voltados explicitamente à militância política. A constituição do grupo Somos, de São Paulo, em 1978, e o lançamento do jornal Lampião da Esquina, foram fundamentais para a compreensão dos processos de politização da homossexualidade que ocorreram no Brasil. Julio e Regina organizaram a trajetória do movimento segundo periodizações relacionadas a diferentes fases, nomeadas de "ondas", de acordo com as mudanças sociais e políticas que moldaram suas formas de atuação. A primeira onda compreende o final do regime militar, o período de abertura política, de 1978 em diante; a segunda onda ilustra o período de redemocratização acerca da Assembleia Constituinte e o aparecimento da epidemia do HIV-Aids; finalmente, a terceira onda, a partir dos anos 1990,





que consolida a parceria com o Estado e a multiplicação de grupos ativistas promovendo a diversificação de vários sujeitos a partir da designação LGBTT (lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e transexuais). Este período também assinala a expansão de um mercado segmentado voltado à homossexualidade: moda e design, festas, diversão, lazer, viagens, entre outros.

A partir do surgimento da Aids no início da década de 1980 e a associação direta com as práticas de gays, lésbicas e bissexuais, intensificaram-se os processos de mobilização social e política que já vinham ocorrendo no movimento gay, no sentido da defesa da causa da Aids, os quais acabaram por contribuir e fortalecer uma visão mais ampla e, de certa forma, “responsável” da homossexualidade. A formação de inúmeras ONGs/Aids e o interesse na prevenção buscou atingir não somente as chamadas “populações de risco”, na época, mas também, homens e mulheres heterossexuais. A ideia de uma identidade homossexual é crescente e torna-se fundamental dentro da noção de comunidade gay, urbana e de classe média.

A Teoria Queer apresenta como um de seus focos o combate à heteronormatividade ao propor um aprendizado com e pelas diferenças. A origem histórica do termo Queer, na década de 1980, surgiu a partir do cenário aberto vinte anos antes pelos movimentos sociais feminista e homossexual nos Estados Unidos. O Queer surge neste contexto de luta para desvincular a sexualidade apenas da reprodução, destacando a importância do prazer e da ampliação das possibilidades relacionais. Obras de autores como o pensador francês Guy Hocquenghem, no início os anos 1970 e da antropóloga feminista Gayle Rubin, de 1984, se destacam no cenário internacional.

Queer pode ser compreendido como um xingamento, um palavrão em inglês correspondente a expressões como anormal, esquisito, bicha, abjeto, nojo, contaminação. É assim que surge o Queer, como reação e resistência a um novo momento biopolítico instaurado pela Aids, nos Estados Unidos. Queer não é somente sobre a homossexualidade, mas sobre a abjeção, sobre uma ameaça à ordem social e política, o sistema, a identidade. Conforme destaca Butler (2012), o uso contemporâneo do termo queer tem deslocado suas significações somente ligadas à degradação e à negação de sujeitos, excedendo-as e sinalizando significações afirmativas e políticas de representação. Com isso, é possível percebermos como a força performativa dos termos – de realizar aquilo que nomeiam – pode sofrer reapropriações, passando por cadeias contínuas de interpretações e de adaptações.





Atualmente, o uso performativo do termo queer pode ser visto como um emblema de autonomia e de empoderamento dos sujeitos LGBTT. O termo queer, que para muitos ainda designa negação de sujeitos, em seu uso performativo contemporâneo, designa a afirmação de sujeitos que, ao realizarem essa repetição reiterativa de um termo normativo, aproveitam a debilidade e a instabilidade dessa norma para, de modo subversivo, colocar o poder contra ele mesmo, usar a norma contra ela mesma. Isso manifesta, conforme Butler (2012, p. 333), que “la resignificación de las normas es pues una función de su ineficácia”.

Ainda que o termo Queer esteja associado a questões que envolvem a discussão e os estudos da homossexualidade, Miskolci (2016) o compreende como mais amplo e complexo. A perspectiva Queer busca combater experiências subalternizadas historicamente, superar injustiças e desigualdades, superar o binômio hétero-homo e problematizar a questão a partir de um grande espectro de gente LGBT não cabem em nenhum modelo tradicional e/ou conservador.

## **VOLEIBOL LGBT NO RIO GRANDE DO SUL**

Desde o ano de 2012, há, no Rio Grande do Sul, pelo menos uma equipe de voleibol, formada exclusivamente por homens gays na cidade de Canoas, região metropolitana de Porto Alegre/RS. O coordenador desta equipe, que também atua como atleta, relatou que a iniciativa de criar um grupo composto somente por atletas LGBT se deu por um ato de discriminação ocorrido com um grupo de jogadores, à época, na própria cidade. Desde então, mais equipes LGBT foram sendo organizadas onde passaram a realizar amistosos e torneios específicos entre si com o apoio de Secretarias municipais de Canoas e, também, do governo do estado, conforme destacou o coordenador.

No ano de 2015, em parceria com a Secretaria Estadual dos Direitos Humanos do Estado do RS, a equipe realizou os Jogos Estaduais da Diversidade em Porto Alegre/RS e participou do Campeonato Municipal de Vôlei da cidade de Porto Alegre da série C. Em 2019, em parceria com o Serviço Social do Comércio (SESC), unidade Navegantes, também na capital, a equipe organizou e promoveu a 1ª Superliga LGBT do RS com a participação de nove equipes, com duração de seis meses e cobertura das mídias estadual e nacional.





**Figura 4** – Jogo da Superliga de Vôlei LGBTQIA+, realizado na cidade de Canoas, 2023



**Fonte:** <https://www.canoas.rs.gov.br>

Esta mesma equipe, além da região metropolitana de Porto Alegre, participou de um campeonato na cidade de Curitiba, Paraná, a taça *Gay Pride*, e do *Diversity Gay Games*, em Florianópolis, Santa Catarina. Para além do jogo de voleibol, a equipe destacou sua preocupação de realizar um trabalho social junto à comunidade da cidade por meio de ações educativas como jogos amistosos entre as demais equipes LGBT com arrecadação de brinquedos e agasalhos para comunidades carentes da cidade de Canoas. A parceria com as Secretarias Municipais propiciou a realização de rodas de conversa em escolas para combater preconceitos contra a população LGBT, reunindo alunos e professores a debater sobre as relações de gênero e sexualidade na educação. Tais ações foram denominadas de “Vôlei Solidário e Diversidade na Escola”. Um desdobramento deste diálogo foi a possibilidade de formação de novos atletas a partir da criação de um time juvenil, nomeado de Power Vôlei. A partir do protagonismo desta equipe e de sua visibilidade e ações, dentro e fora de quadra, o próprio coordenador destacou que a cidade de Canoas já está sendo conhecida como Cidade *Gay Friendly*. O coordenador destaca sua percepção sobre o trabalho desenvolvido:

Os pontos positivos são as plenas possibilidades de criar interação e acolhimento às pessoas LGBTQIA+ através do esporte bem como, através do projeto desenvolver ações sociais em benefício da sociedade canoense. Os pontos negativos são a falta de patrocínio e a burocracia do poder público no atingimento dos objetivos (Coordenador de equipe, 43 anos).

Além da cidade de Canoas e da capital Porto Alegre, a cidade de Santa Maria, no interior gaúcho, vem se destacando no cenário dos jogos de voleibol destinados à população LGBT. A ideia do evento surgiu de um profissional de Educação Física da cidade, o qual atua há algum tempo com o ensino de voleibol em equipes competitivas. A ideia ganhou força com o apoio de um vereador eleito, considerado o primeiro gay assumido a ocupar a Câmara





Municipal. A atuação deste ganhou apoio de outros vereadores e, também, do prefeito da gestão 2020-2024, o qual inseriu o evento “Festival Internacional de Vôlei LGBT” na programação do calendário oficial do município. Neste sentido, esta é a primeira vez que um evento esportivo destinado ao público LGBT, é oficializado pela prefeitura da cidade. O Festival Internacional LGBTQIA+ de Voleibol teve sua primeira edição no ano de 2022, com oito equipes participantes e onze em 2023, todas gaúchas. Uma peculiaridade nas duas edições foi a presença da jogadora profissional de voleibol, Tiffany Abreu, nomeada de madrinha do evento. Nos quadros abaixo, seguem os nomes e as cidades das equipes participantes da 1ª e 2ª edições do Festival Internacional LGBTQIA+ de Voleibol, respectivamente:

**Quadro 1** – Equipes participantes da 1ª edição do Festival Internacional LGBTQIA+ de Voleibol

	<b>Equipe</b>	<b>Cidade</b>
01	Viva Vôlei A	Santa Maria/RS
02	Viva Vôlei B	Santa Maria/RS
03	Equiperigo	Santa Maria/RS
04	Battel Force	Canoas/RS
05	Galáticos Volley	Porto Alegre/RS
06	Maragatos	Porto Alegre/RS
07	Malaguetas Sport Club	Porto Alegre/RS
08	Pro Futuro	Júlio de Castilhos/RS

**Fonte:** construção dos autores.

**Quadro 2** – Equipes participantes da 2ª edição do Festival Internacional LGBTQIA+ de Voleibol

	<b>Equipe</b>	<b>Cidade</b>
01	Viva Vôlei A	Santa Maria/RS
02	Viva Vôlei B	Santa Maria/RS
03	Green Volley	Porto Alegre/RS
04	Fireballs Vôlei	Porto Alegre/RS
05	Ace Stricker	Estrela/RS
06	Sparks Voleibol	Porto Alegre/RS
07	Pro Futuro	Júlio de Castilhos/RS
08	Battle Force	Canoas/RS
09	Eagles Volley	Ijuí/RS
10	Galáticos Volley	Porto Alegre/RS
11	Valleball Volley Club	Porto Alegre/RS

**Fonte:** construção dos autores.

Ainda que o Festival seja um evento da cidade com dois dias de jogos e aberto ao público em geral, de maneira gratuita, percebe-se que o público é considerado baixo e que a maioria pertence à comunidade LGBT. No entanto, o evento contou com divulgação em jornal





e na televisão local, e a presença do prefeito da cidade e de secretários do Esporte e da Cultura. Santa Maria competiu com três equipes na primeira edição e duas na segunda. Na primeira edição o evento contou com uma equipe composta por alunos e professores dos cursos da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Na primeira edição, os vencedores foram: em primeiro lugar a equipe Galáticos Volley, em segundo ficou com o Viva Vôlei A e em terceiro a equipe do Viva Vôlei B.

**Figura 5** – Equipe vencedora do 1º Festival Internacional LGBTQIA+ de Voleibol – Santa Maria/RS, 2022



**Fonte:** *Instagram* do evento (<https://www.instagram.com/festivalvoleilgbtqia/>)

**Figura 6** – Equipe vencedora do 2º Festival Internacional LGBTQIA+ de Voleibol – Santa Maria/RS, 2023



**Fonte:** *Instagram* do evento (<https://www.instagram.com/festivalvoleilgbtqia/>)



## ANÁLISE DE DADOS

Em relação à exposição da homossexualidade e ao processo chamado de “*coming out*” (Sedgwick, 2007), isto é, a saída do armário, cinco dos atletas participantes da 2ª edição do Festival, contaram que se consideram assumidos, também fora das quadras. Um dos atletas destacou que: “Sou assumido desde os 17 anos, luto pelos meus direitos na sociedade, sou livre pra ir e vir, em relacionamentos, ambientes, sem precisar me esconder pra realizar os meus sonhos” (Atleta 1). Outro jogador relata que: “Sim, sou assumido. Entendo que ser assumido é não esconder minha orientação sexual e ser transparente com quem perguntar sobre isso” (Atleta 3). Nesta linha outro jogador afirmou que: “A importância de ser assumido para mim tem um valor muito significativo, uma vez que mostro para as pessoas quem realmente sou, sem me esconder ou fingir uma “outra vida” que não a minha” (Atleta 5). Dentre os cinco atletas, apenas um (Atleta 2) relata que já enfrentou dificuldades em seu processo de afirmação e visibilidade gay e que se considera assumido, “em parte”:

Essa questão foi a mais complicada para mim devido ao meu trabalho, família e amizades, que até então para alguns era uma pulga atrás da orelha sobre minha sexualidade. Mas com a formação do time veio ao natural essa exposição no começo foi muito complicado pois os eventos sempre têm muita mídia e com isso não demorou muito para as redes sociais e sites aqui na cidade publicar fotos e resultado da nossa equipe e conseqüentemente ao natural fui me expondo e com isso acabei tirando muitas coisas das minhas redes sociais para me preservar (Atleta 2).

A questão do assumir-se configurou-se como um processo problemático e contingencial onde a questão da visibilidade e de uma revelação diante de pessoas e/ou contextos levou, na maioria das vezes, a enfrentamentos complexos, (Duarte, 2019). Neste sentido, Eve Sedgwick, poeta e crítica literária, em seu clássico estudo *A Epistemologia o armário* (*Epistemology of the closet*), reflete que:

[...] a epistemologia do armário não é um sistema nem datado nem um regime superado de conhecimento. Embora os eventos de junho de 1969, e posteriores, tenham revigorado em muitas pessoas o sentimento de potência, magnetismo e promessa de autorrevelação gay, o reino do segredo revelado foi escassamente afetado por Stonewall. De certa maneira, deu-se exatamente o oposto. Para as antenas finas, o frescor de cada drama de revelação gay (especialmente involuntária) parece algo ainda mais acentuado em surpresa e prazer, ao invés de envelhecido, pela atmosfera cada vez mais intensa das articulações públicas do (e sobre) o amor que é famoso por não ousar dizer o nome (Sedgwick, 2007, p. 21).

Os atletas participantes da segunda edição do Festival, ainda contaram sobre a importância de equipes esportivas LGBT a maioria se posicionou positivamente e mostrou-se favorável à existência das mesmas.





Acredito que tem um papel muito importante de inclusão do público LGBT nos esportes. Infelizmente, muitas pessoas da comunidade acabaram sendo excluídas na infância da participação de esportes na escola por serem um pouco diferentes da maioria e equipes voltadas para o público LGBT proporciona um ambiente acolhedor (Atleta 1).

Acredito que é muito importante sim. Na nossa equipe jogam atletas não somente da nossa cidade, mas de cidades menores. Eles chegam na equipe e se sentem em casa, ficam muito felizes pela oportunidade e querem continuar jogando, eu vejo esses atletas vindo e precisando de ajuda, de um apoio e hoje a nossa equipe consegue fazer esse papel. Não somos um time, somos uma família. Estamos juntos para ajudar no que for preciso para passarmos juntos nas dificuldades da vida e dos preconceitos que existem ainda entre nós atletas e em atletas que ainda não conseguem se assumir, nossa equipe hoje é referência na cidade. Títulos, troféus, medalhas é o que menos importa, eles são gratificantes quando vem, mas vale para nós bem mais estarmos reunidos nos divertindo participando de torneios, fazendo amizades e dividindo histórias, um ajudando ao outro seja no ambiente familiar ou no trabalho. Cada um tem uma história e passa por situações diferentes por ser LGBT e sempre procuramos nos apoiar. É gratificante sabermos que podemos com tão pouco estar ajudando eles a ser eles mesmos e a viver melhor (Atleta 2).

São muito necessárias, precisamos ser vistos, mostrar que temos voz e força como qualquer outra equipe e podemos sim jogar onde e com quem quisermos (Atleta 5).

O aumento da visibilidade tanto social quanto política veio fortalecer [...] a formação da cena gay nas grandes cidades brasileiras, refletindo a crescente importância do mercado e difusão de imagens, estilos corporais, hábitos e atitudes associadas às variadas expressões das homossexualidades (Simões e Facchini, 2009, p. 18). Por outro lado, a violência das mais diversas ordens como xingamentos, humilhações e até mesmo agressões físicas, absurdas e covardes, continuaram e ainda fazem parte do cotidiano de muitos homossexuais brasileiros, sobretudo os que se mostram mais afeminados e/ou delicados e, principalmente, as travestis. No entanto, podemos dizer que as conquistas do pioneiro movimento homossexual, à época, permitiram às novas e atuais gerações certas vantagens e ganhos significativos antes impensáveis às gerações mais antigas. Para Daniel Borrillo, pesquisador argentino radicado na França, o conceito de homofobia se refere à

[...] hostilidade geral, psicológica e social àqueles ou àquelas que supostamente sentem desejo ou têm relações sexuais com indivíduos de seu próprio sexo. Forma particular de sexismo, a homofobia renega todos aqueles que não se enquadram nos papéis determinados para seu sexo biológico. Construção ideológica que consiste na promoção constante de uma forma (hetero) em detrimento de outra (homo), a homofobia organiza uma



hierarquização das sexualidades, o que tem consequências políticas (Borrillo, 2009, p. 28).

A homofobia, segundo Borrillo (2009), denota sentimentos de repulsa, aversão e de inferiorização a pessoas que possuem e/ou expressam desejo por outras do mesmo sexo. O autor destaca que o processo de naturalização da homofobia foi construído socialmente com forte apelo do Cristianismo, herdeiro da tradição judaica, onde a heterossexualidade foi considerada natural e dentro da normalidade diante da imagem de Deus. Há vários anos o Grupo Gay da Bahia (GGB) alerta e expõe tristes e significativas estatísticas das variadas ordens contra gays brasileiros, de norte a sul do país. João Silvério Trevisan destacou inúmeros casos de violência e assassinatos divulgados especialmente a partir da década de 1980. Ao refletir sobre a sofisticação das ações destaca que no início dos anos noventa, os assassinatos contra homossexuais se multiplicaram nas maiores cidades do país. Na verdade, tais 'crimes de ódio' podiam inserir-se num clima geral de pânico da Aids, que atingiu seu pico nesse período (Trevisan, 2004, p. 401). Atualmente, a questão da cidadania LGBT está disseminada na mídia, em causas trabalhistas, em projetos de Escolas, em tribunais e audiências jurídicas e, sobretudo, na expressão cada vez mais "precoce" da juventude gay atualmente.

A vida da maior parte dos que hoje se consideram gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais no Brasil é, sem dúvida, muito menos complicada e sofrida do que a dos que vieram antes. Faz uma enorme diferença poder desfrutar de uma existência razoavelmente respeitável "fora do armário", em que as tensões impostas pela clandestinidade e a vergonha, embora ainda presentes, estão bem mais atenuadas em comparação com outras épocas e situações. E se essa é uma experiência real para as atuais gerações, assim como um projeto de vida plausível para as gerações futuras, e não apenas de uns poucos privilegiados, é devido, em grande parte, ao ativismo contra o preconceito e em defesa da cidadania LGBT (Simões; Facchini, 2009, p. 28).

A partir da compreensão da cultura brasileira como heterossexista e homofóbica, Fernando Pocahy (2011) aponta algumas possibilidades de resistência em relação aos discursos hetero e homonormativos, que se aproxima de uma "vida criativa", inspirada nas teorizações de Michel Foucault. Compartilhamos de sua posição quando o autor destaca que é possível a "[...] a construção de 'outro horizonte discursivo', acompanhando movimentos que nos permitem viver/pensar a sexualidade do ponto de vista de uma erótica, não de uma 'ciência sexual'" (Pocahy, 2011, p. 48). Neste sentido, a criação, manutenção e a implementação de outras e novas equipes de vôlei e/ou de outras modalidades esportivas, pode se constituir como um ato político, educativo e de resistência. Equipes de voleibol LGBT são heterotopias





possíveis para uma vida criativa, uma estética de existência, como anunciou Michel Foucault, uma erótica (Duarte, 2019).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os esportes na contemporaneidade estão mudando, se transformando de modo a dialogar com os movimentos da sociedade brasileira. Talvez o voleibol seja um dos mais abertos e flexíveis, em relação ao futebol e handebol, por exemplo, no sentido de acompanhar e acolher as pautas relacionadas às questões de gênero e de sexualidade.

No Rio Grande do Sul, um estado considerado tradicional e conservador, ao mesmo tempo em que celebramos esta iniciativa de organização e de representatividade da comunidade LGBT, com o aumento do número de equipes, da realização de uma Liga específica, e de um Festival anual em uma cidade do interior gaúcho, nos causa estranheza o fato deste cenário se apresentar quase que invisível no cenário midiático.

Desde o ano de 2012 com a formação das primeiras equipes, depois a realização da Superliga LGBT e, mais recentemente a realização de um Festival que entrou no calendário de eventos de Santa Maria, constitui-se como um caminho muito produtivo e potente diante do cenário de preconceitos, discriminações e de violência física e simbólica que afeta a comunidade LGBT brasileira. Uma questão relevante é o trabalho social e educativo que a equipe de Canoas faz com sua comunidade, a partir do voleibol. Isto é, além da representatividade das subjetividades LGBT no cenário esportivo, há uma preocupação de dialogar com escolas de Educação Básica sobre as questões de gênero e sexualidade com professores e alunos em formação.

A diversidade, neste sentido, pode educar, ensinar e contribuir para a formação da cidadania e de uma rede de auxílio e proteção para crianças e jovens LGBT. Este foi um primeiro movimento acerca da temática investigada. Pretendemos acompanhar o processo das equipes, sua organização estrutural e de treinamentos, a questão sobre gestão e políticas públicas para o Esporte e o Lazer no RS. Outro recorte possível se configura com a seguinte questão: os cursos de Educação Física, Licenciatura e Bacharelado, estão preparados para interagir, ensinar-aprender e trabalhar com a comunidade LGBT nos esportes? Os alunos desses cursos sofrem algum tipo de preconceito nas suas faculdades? As questões de gênero e sexualidade são problematizadas na formação inicial e/ou continuada da área da Educação Física? Algumas iniciativas recentes e inovadoras tentam dar conta, minimamente, a esta problemática. Citamos





as 3 edições do DIVERSIFICAUNI, desde 2022, uma iniciativa do Programa de Educação Tutorial (PET) do Curso de Educação Física da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) que organiza um evento específico às questões LGBT na área da Educação Física e em relação ao contexto escolar; e o projeto de Extensão ACOLHE ESEFID, da Escola Superior de Educação Física, Fisioterapia e Dança, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que visa enfrentar situações de violência, assédio e discriminação.

Outra questão relevante é o fato da ampliação das equipes LGBT para o interior no estado, por exemplo, Júlio de Castilhos, Ijuí e Estrela, as duas últimas cidades participando pela primeira vez do Festival Internacional LGBTQIA+ de Vôlei de Santa Maria. Ainda que este movimento esteja crescendo, tanto nas etapas da Superliga, em Canoas, e no Festival de Santa Maria, a participação do público em geral é considerada mínimo em relação aos demais eventos esportivos.

Como mencionado anteriormente, essa configura-se uma primeira aproximação à temática relacionando esportes aos estudos de gênero e sexualidade, principalmente no voleibol. Para isso, apontamos a necessidade de maiores estudos e de aprofundamento do tema.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1994.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del sexo**. 2. ed. Buenos Aires, Argentina: Paidós, 2012.

COELHO, Julina Affonso Gomes, Voleibol: um espaço híbrido de sociabilidade esportiva. In: TOLEDO, Luiz Henrique de; COSTA, Carlos Eduardo. **Visão de jogo: antropologia das práticas esportivas**. São Paulo: Terceiro Nome, 2009.

COSTA, Marisa Vorraber (Org.). Estudos culturais em educação. **Mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema**. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2000.

DINIZ, Edgar Chada; CESAR, Leonardo Lenz. O potencial do vôlei como negócio no Brasil. **Revista conjuntura econômica**, v. 54, n. 2, p. 50-52, 2000.

DUARTE, Gustavo de Oliveira. **Entre armários e gavetas: homossexualidade masculina e o processo de envelhecimento**. Curitiba, PR: Appris, 2019.





ECOM: Escritório de comunicação. Canoas recebe a 4ª edição da Superliga LGBTQIA+ de Vôlei do Rio Grande do Sul. **Prefeitura de Canoas**, Canoas/RS, 21 de julho de 2023. Disponível em: <<https://tecnoblog.net/responde/referencia-site-abnt-artigos/>>. Acesso em: 10 set. 2023.

EGNER, Justine; MALONEY, Patricia. "It has no color, it has no gender, it's gender bending": gender and sexuality fluidity and subversiveness in drag performance. **Journal of homosexuality**, v. 63, n. 7, p. 875-903, 2016/07/02 2016.

ESPN. **Não foi só em Corinthians x São Paulo**: casos de LGBTfobia cresceram 76% no futebol brasileiro. ESPN, 17 de maio de 2023. Disponível em: <[https://www.espn.com.br/futebol/brasileirao/artigo/\\_/id/12059646/nao-foi-so-corinthians-sao-paulo-casos-de-lgbtfobia-crescem-76-por-cento-no-futebol-brasileiro](https://www.espn.com.br/futebol/brasileirao/artigo/_/id/12059646/nao-foi-so-corinthians-sao-paulo-casos-de-lgbtfobia-crescem-76-por-cento-no-futebol-brasileiro)>. Acesso em 09 out. 2023.

FACCHINI, Regina; SIMÕES, Julio Assis. **Na trilha do arco-íris**: do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.

GARCIA, Rafael Marques; MEIRELES, Carlos Henrique Araújo de; PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa. Evolução e adaptação histórica do voleibol. **Educación física y deportes**, v. 26, n. 281, 2021.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & realidade**, v. 22, n. 2, p. 15-46, 1997.

INSTAGRAM, 2023. **Página inicial**. Disponível em: <<https://www.instagram.com/festivalvoleilgbtqia/>>. Acesso em: 05 out. de 2023.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Escola e enfrentamento à homofobia: pelo reconhecimento da diversidade sexual como fator de melhoria da educação de tod@s. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; QUADRADO, Raquel Pereira (Orgs.). **Corpos, gêneros e sexualidades**: questões possíveis para o currículo escolar. 3. ed. rev. Rio Grande, RS: FURG, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004.

MACHADO, Anna Cristina Alvares Ribeirp. Alguns apontamentos sobre a diversidade de gênero nos esportes. **Recital**, v. 1, n. 2, p. 37-60, 2020.





MEZZARROBA, Cristiano; PIRES, Giovani De Lorenzi. Breve panorama histórico do voleibol: do seu surgimento à espetacularização esportiva. **Atividade física, lazer & qualidade de vida**, v. 2, n. 2, p. 3-19, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu (Orgs.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 31. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MISKOLCI, Richard. **Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças**. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2016.

POCAHY, Fernando Altair. **Entre vapores e dublagens: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento**. 2011. 167f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2011.

RESENDE, Rui; MESQUITA, Isabel; ROMERO, Juan Fernández. Caracterização e representação dos treinadores acerca da formação de treinadores de voleibol em Portugal. **Educación física y deportes**, v. 12, n. 112, 2007.

RIBEIRO, Paula Regina Costa. **Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar**. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; QUADRADO, Raquel Pereira (Orgs.). **Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar**. 3. ed. rev. Rio Grande, RS: FURG, 2013.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, n. 28, p. 19-54, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 1997.

SILVESTRE, Antônio Luis. **Análise de dados e estatística descritiva**. Lisboa, Portugal: Escolar, 2007.

SOUZA, Laura; SILVA, Marcelo; SILVA, Junior. Política de esporte universitário em uma instituição pública de ensino superior de Mato Grosso do Sul. **Motrivivência**, v. 31, p. 1-20, 2019.

STAREPRAVO, Fernando Augusto. Esporte universitário brasileiro: uma leitura a partir de suas relações com o Estado. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 31, n. 3, p. 131-148, 2010.

SUPERLIGA: Tiffany encerra torneio como a maior pontuadora. Por Fernando Martinez. **Giro esportes S/A**, 13 de maio de 2023. Disponível em: <<https://girosa.com.br/superliga-tiffany-encerra-torneio-como-a-maior-pontuadora/>>. Acesso em: 09 out. 2023.





TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil: da colônia à atualidade. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

TRUDEL, Pierre; GILBERT, Wade. Coaching and coach education. In: KIRK, David; MACDONALD, Doune; O'SULLIVAN, Mary (Eds.). **The handbook of physical education**. London, England: Sage, 2006.

**Dados do primeiro autor:**

Email: guto.esef@gmail.com

Endereço: Rua Sargento Floriano Carrion, 8-201, Bairro Presidente João Goulart, Santa Maria, RS, CEP: 97090-660, Brasil.

Recebido em: 02/05/2024

Aprovado em: 17/07/2024

**Como citar este artigo:**

DUARTE, Gustavo de Oliveira; LAPORTA, Lorenzo Iop; GARCIA, Marlon Crestani. Esportes e diversidade: voleibol LGBT no Rio Grande do Sul. **Corpoconsciência**, v. 28, e.17552, p. 1-22, 2024.

